

PÃES NÃO SÃO PROCESSOS, PROCESSOS NÃO SÃO PÃES

Ronaldo Antonio Messeder Filho
Juiz do Trabalho
Mestre em Direito do Trabalho – PUC/MG

Deparei-me outro dia, não me recordo ao certo quando, com dilema estranho e improvável, o qual muitos certamente dirão ser infundado e fruto de inúteis elucubrações fantasiosas: é a respeito das semelhanças e dessemelhanças, reais e ilusórias, entre pães e processos.

Perto de onde moro, o que não é de se surpreender, há uma pequena padaria, sem qualquer luxo e requinte, com poucos funcionários, mas todos sempre atenciosos e cordiais, onde a produção diária de pães parece-me - como freqüentador assíduo e pontual que sou – ininterrupta e incessante, em seus mais diversos horários.

Os pães que lá são produzidos, como na grande maioria das pequenas padarias, nem de longe espelham arte, ornamentação e zelo na confecção e fabrico desse produto que, além de objeto simbólico de algumas religiões, faz parte de nossa alimentação há mais de seis mil anos, com origem remota e imprecisa na Mesopotâmia.

Devo reconhecer, porém, que, para uma padaria de porte reduzido e modesto, com dimensões incrivelmente irrisórias e de aparência sensivelmente descuidada, é de se admirar que centenas e centenas de pães possam ser elaborados, incansavelmente, todos os dias da semana, em variáveis turnos.

Desconheço o operário dessa empreitada. Mas tenho minhas suspeitas. Acredito, é claro, que a proeza não seja de um. Talvez sejam vários, talvez dois ou três. Tamanha produção não pode ser obra de um homem só, afinal, não se trata somente de assar os pães, é preciso diariamente preparar a massa e utilizar os ingredientes na dose certa, para que não haja alterações de sabor e padrão. Acredito, sem dúvida, que padaria tão pequena não deva ter tantos padeiros, sobretudo pela modesta freguesia em restrito bairro.

Dia desses, numa das minhas cotidianas visitas à pequena padaria, chamou-me particular atenção breve diálogo entabulado entre um sujeito gordo e alto e uma simpática idosa que, odeio confessar, volta e meia, disputa comigo os pães mais quentes das prateleiras que sempre insistem em ficar abertas. Todos os detalhes desse diálogo, que ocorreu rapidamente no recinto da padaria, não recordo mais, não pela falta de curiosidade, mas porque naquele momento estava preocupado em encontrar pães frescos, com minha disparatada avidez de glutão por pães quentinhos. Provavelmente os outros detalhes da conversa são de somenos importância e não alterariam em nada esse meu devaneio. Irei relatar, porém, parte desse diálogo.

Esboçando simpático sorriso, com previsíveis poucos dentes à mostra e certamente muita conversa para contar, a encurvada senhora se dirigiu ao enorme sujeito que estava ao lado dela:

- (...) os pães aqui são muito melhores do que na outra padaria, não é mesmo?

- Ah, é! respondeu-lhe o sujeito que parecia muito mais preocupado com os pães do que interessado numa conversa com a idosa senhora.

A despreocupada senhora ainda prosseguiu:

- Frequente esta padaria já faz vinte anos! O pão daqui sempre foi melhor do que o de lá! O pessoal é muito educado e a gente sempre encontra pão quentinho.

- É verdade! Murmurou o sujeito.

- Em qualquer horário têm bons pães.

Impaciente e desinteressado com a conversa, o homem disse-lhe: - Só não gosto de pão frio, por isso, venho no horário certo.

- É. Não sei como o padeiro dá conta. Toda hora tem pão fresquinho.

Após breve suspiro, o sujeito grandalhão enxugou o rosto que não parava de transpirar e, antes de sair, pondo fim à conversa, disse-lhe:

- Humm. Pães são todos iguais, são apenas pães...

Pensando nesse diálogo, por mais tolo que possa parecer, não creio que se possa afirmar que todos os pães são iguais. A diversidade de pães dentro de uma padaria não é segredo ou mistério para ninguém e as estantes podem muito bem confirmar o que estou dizendo. Pode ser que aquele sujeito estivesse se referindo, na verdade, especificamente a um tipo de pão, o famoso pão francês, que, exceto por um aspecto ou outro, talvez realmente não difira, a princípio, aos olhares imperfeitos e apressados dos fregueses, dentro das prateleiras das padarias.

O ofício de padeiro, embora regra geral não tenha grandes mistérios, comporta árdua rotina. O preparo dos pães começa cedo. As vestimentas devem ser adequadas, já que o procedimento envolve manuseio e preparo de alimentos. Os fornos, apesar de eficientes, às vezes chegam a esquentar pães e padeiros no mesmo ambiente. Erros na confecção não são admitidos, pois a freguesia não tolera variações de sabor e consistência. Existe ritmo de produção e os padeiros e seus auxiliares sabem muito que devem cumprir à risca sua rotina. Quem é novo no ofício, muitas vezes não se ajusta à lógica e à pressão, situação que é demonstrada pelos inúmeros curtos contratos de trabalho que deságuam na Justiça e dão provas da inabilidade e inaptidão de certos iniciantes aprendizes.

Devo admitir, contudo, que de pães não entendo muito. E, quanto à rotina de trabalho dos padeiros, aprendi muito mais pela observação das audiências do que de dentro das próprias padarias. É verdade que tenho minhas preferências gastronômicas em termos de pães, sou freguês assíduo e, quando estou esfomeado por pães exóticos, acabo socorrendo-me de padarias sofisticadas em bairros vizinhos, o que não me faz nem de longe entendido no assunto. De qualquer forma, penso que formular juízo valorativo e apressado sobre o ofício do padeiro e

sua matéria-prima seja algo bastante arriscado, inclusive diante da imensa variedade de pães, os quais, acredito, apresentam preparo particularizado e segredos de elaboração.

Mas deixando de lado os pães, o fato é que, quando o diálogo entre a velha senhora e o sujeito grandalhão parecia já se dissipar de minha memória, apagado nas recordações que talvez é sem importância para a nossa vida, outra simples e corriqueira conversa me chamou particular atenção, conversa essa da qual fui participante e me fez recordar o ofício do desconhecido padeiro.

O fato ocorreu semana passada. Como é de costume na prática jurídica, um estagiário acompanhou-me ao longo das audiências para fazer seus relatórios de faculdade. Aparentando incrível curiosidade, o estagiário indagava-me sobre todos os aspectos da audiência e em especial sobre os meandros do sistema jurídico. Estava interessado em todas as circunstâncias, de coisas simples a questões complexas, mesmo sem compreender bem a diversidade de institutos jurídicos e sua intrigada estruturação.

Como se tratava de sexta-feira, dia preparatório, em tese, para o repouso e descanso dos nossos sonhados finais de semana, resolvi pacientemente explicar-lhe, em terminologia descomplicada, toda a passagem do processo pelas engrenagens aparentemente indecifráveis da Justiça, desde a apresentação do “processo” ao setor competente até à liquidação e satisfação dos créditos ao credor material.

Muitas questões jurídicas foram ditas, assim como questões desligadas do Direito. Novamente apenas um trecho da conversa despertou-me especial atenção, valendo a transcrição dessa parte, talvez não só pela ingenuidade das considerações, mas quem sabe pela árdua sentença de antigas e novas interpretações.

Após o encerramento de uma das muitas audiências de instrução do dia, o estagiário me indagou:

- (...) cada um deles (reclamante e reclamado) poderia ouvir mais duas testemunhas?

- Sim. No rito trabalhista ordinário cada parte tem o direito de ouvir até três testemunhas, enquanto no rito sumaríssimo esse número cai para dois. Outros ritos possuem suas particularidades, respondi-lhe.

- São sempre quinze audiências por dia? E se o senhor tiver que “instruir” todas as audiências, é possível realizá-las em intervalos de quinze minutos?!

Embora surpreso com a ingenuidade da pergunta, expliquei-lhe alguns dos inúmeros incidentes que poderiam levar ao adiamento das sessões.

O estagiário prosseguiu:

- Eu tinha um professor que não gostava de Direito do Trabalho. Ele também criticava alguns aspectos processuais. A bem da verdade, acho que ele não gostava da Justiça do Trabalho...

- É? E por quê? indaguei-lhe, meio irritado com a consideração.

- Os processos aqui são todos iguais, são apenas contratos...

Trocamos ainda algumas idéias sobre a Justiça e, não sei ao certo porque, apresentei-lhe inúmeros argumentos jurídicos e sociais para dissuadi-lo de tamanha equivocada conclusão. Expliquei-lhe também um pouco o ofício do juiz e seus auxiliares. Relatei sobre algumas das asperezas do dia-a-dia, a responsabilidade das tarefas realizadas, o compromisso social que se deve ter, o volume incrível de trabalho, a árdua rotina, o trabalho em finais de semana, os intolerantes e inflexíveis prazos, as peculiaridades do preparo de cada decisão, enfim, o peso que é um julgamento mesmo nas mais singelas questões.

Antes de apregoar a última audiência do dia, e certamente sem muito pensar no que iria acabar de dizer, talvez tentando descontrair um pouco o clima de tensão natural do ambiente, ele então gracejou:

- Próxima fornada?!

Ao final se despediu, disse-me que ainda tinha alguns outros relatórios para preencher e que por isso precisava correr.

Entre uma audiência e outra ainda fico pensando na última frase que o estagiário me disse e no ofício do padeiro. Pobre padeiro... Afinal, pães não são processos, processos não são pães. Processos nunca são iguais...